



manaraiema

ARTE CONTEMPORÂNEA EM GOIÁS

Apoio:

Goiás
social

CERRADO

Realização:

MUSEU
GOIANO
ZOROASTRO VENTURA
1966

SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura

GOVERNO DE
GOIÁS
O ESTADO QUE DÁ CERTO

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

Manarairema – Arte Contemporânea em Goiás

Exposição inaugurada em
Março/2026

Sala de exposição do Museu
Goiano Zoroastro Artiaga.
Goiânia - Goiás

ORGANIZAÇÃO DO CATÁLOGO

Melissa Alves
Thaís Lobo

CURADORIA

Benedito Ferreira
Débora Duarte
Divino Sobral

TEXTO CURATORIAL

Benedito Ferreira
Divino Sobral
Débora Duarte

TEXTO RESTAURAÇÃO

Melissa Alves
Wanessa Corrêa

DESIGNER E PROJETO

EDITORIAL

Thiago Silva

FOTOS

Caju Bento
Diego Bresani
Jhony Aguiar
Joardo Filho
Kamilla Brandão
Paulo Rezende
Verônica Santana

REVISÃO

Celina Joaquina de Sousa
Kettlyn Fernandes de Deus
Thaís Lobo

IMPRESSÃO

Gráfica Sete, Goiânia – GO

ISBN

978-65-975692-0-5

Patrimônio restaurado, arte presente

A reabertura do Museu Goiano Zoroastro Arriaga representa um marco importante para a cultura em Goiás.

Primeiro museu do Estado e um dos edifícios mais emblemáticos do conjunto Art Deco da Praça Cívica no coração de Goiânia, o espaço volta a receber o público após um amplo processo de restauração realizado pelo Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura. Mais do que a recuperação de um prédio histórico a contar com um compromisso do Estado com a preservação da memória, da arquitetura e da identidade cultural goiana.

Com investimento de recursos do Tesouro Estadual o trabalho de restauro priorizou a conservação das características originais do edifício respeitando seu valor histórico e arquitetônico. Foram realizadas intervenções estruturais, recuperação da cobertura, alvenarias e pisos históricos além da restauração de adornos e elementos decorativos.

O projeto também contemplou a modernização das instalações elétricas e luminotécnicas, melhorias nos sistemas de segurança, adequações de acessibilidade e atualização das condições museográficas, garantindo que o museu esteja preparado para acolher o público com conforto, segurança e qualidade.

Durante o período de obras, o acervo do museu também passou por um amplo trabalho de conservação, incluindo desinfestação por anóxia, higienização técnica e catalogação das coleções museográfica, bibliográfica e arqueológica.

O conjunto reúne peças arqueológicas, mineralógicas, exemplares de etnografia indígena além de obras de arte sacra e arte popular, que ajudam a narrar a história de Goiás e de Goiânia desde seus origens. Após esse processo de preservação, o acervo deverá retornar ao museu em 2028. Projeto de museografia, voltado à valorização e melhor apresentação dessas coleções ao público.

A entrega do museu restaurado marca o início de uma nova etapa para o espaço, que retoma seu papel como importante centro de difusão cultural, educação patrimonial e valorização da arte em Goiás. Para celebrar esse momento o Museu Goiano Zoroastro Arriaga abre suas portas com a exposição temporária 'Manairarema - Arte Contemporânea em Goiás', reunindo artistas que representam diferentes linguagens, trajetórias e contextos da produção artística no estado.

Ao sediar essa exposição em seu momento de reabertura, o museu reafirma sua vocação como espaço vivo, aberto ao mundo e à diversidade da contemporaneidade. A diversidade de diálogo entre tradições e contemporaneidade é evidenciada nas obras e perspectivas reunidas na mostra ampla e ohar sobre a arte produzida em Goiás e evidência a vitalidade de sua cena cultural.

Com o patrimônio histórico preservado, a arte produzida em Goiás retoma seu protagonismo transformando o equipamento cultural em locais de encontro, reflexão e construção de cidadania. Trata-se de um momento mais memória e no futuro dos goianos, que agora possuem mais um espaço para seguir contando a sua história e acolhendo novas expressões artísticas.

Governo de Goiás

Manairarema

Manairarema - arte contemporânea em Goiás reúne obras de vinte e quatro artistas contemporâneos em Goiás, reunidas de forma coletiva no estado à curadoria organizada e curada por um grupo de artistas locais. O projeto de museografia, voltado à valorização e melhor apresentação dessas coleções ao público.

Diante do papel histórico do Museu Zoroastro Arriaga na constituição do patrimônio cultural do estado, a mostra se apresenta como uma oportunidade de valorização e reatualização do espaço por meio do deslocamento do foco narrativo e da emergência de novos narrativos, elementos que adquirem especial relevância por serem os primeiros do tipo no estado de criação da instituição e os 100 anos da chegada ao território goiano da bandeira bandeira por Zoroastro Arriaga.

O eixo da exposição torna empírica Manairarema, cidade fictícia criada pelo escritor goiano, José Augusto de Moraes e Silva, em 1966, espaço experimental onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva.

Em Manairarema, um contexto de trabalho com a reflexão sobre as fronteiras de ocupação do território goiano, suas implicações na formação de sua povoação e do cultivo permanente que surge, torna possível observar a arte e a cultura em seu contexto de produção, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva.

A produção artística, nesse sentido, não representa um espaço de neutralidade, mas um espaço de intervenção, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva.

Manairarema se configura como um espaço de reflexão e de intervenção, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva.

Em Manairarema, para ser esse espaço de reflexão e de intervenção, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva.

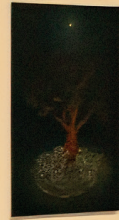
As obras reunidas em Manairarema evidenciam não apenas que Manairarema é uma história que se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva, onde se busca a arte por meio de um processo de criação coletiva.

Esqueceram-se













SUMÁRIO

01	APRESENTAÇÃO	12-13
02	TEXTO CURATORIAL	16-21
03	OBRAS	23-51
04	RESTAURAÇÃO DO MUSEU GOIANO ZOROASTRO ARTIAGA	52-61
05	FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO	64

PATRIMÔNIO RESTAURADO, ARTE PRESENTE

A reabertura do Museu Goiano Zoroastro Artiaga representa um marco importante para a cultura em Goiás. Primeiro museu do Estado e um dos edifícios mais emblemáticos do conjunto Art Déco da Praça Cívica, no coração de Goiânia, o espaço volta a receber o público após um amplo processo de restauração realizado pelo Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura. Mais do que a recuperação de um prédio histórico, a obra simboliza o compromisso do Estado com a preservação da memória, da arquitetura e da identidade cultural goiana.

Com investimento de recursos do Tesouro Estadual, o trabalho de restauro priorizou a conservação das características originais do edifício, respeitando seu valor

histórico e arquitetônico. Foram realizadas intervenções estruturais, recuperação da cobertura, alvenarias e pisos históricos, além da restauração de adornos e elementos decorativos. O projeto também contemplou a modernização das instalações elétricas e luminotécnicas, melhorias nos sistemas de segurança, adequações de acessibilidade e atualização das condições museográficas, garantindo que o museu esteja preparado para acolher o público com conforto, segurança e qualidade.

Durante o período de obras, o acervo do museu também passou por um amplo trabalho de conservação, incluindo desinfestação por anóxia, higienização técnica e catalogação das coleções museográfica, bibliográfica e arqueológicas. O conjunto reúne peças arqueológicas, mineralógicas, exemplares de etnografia indígena, além de obras de arte sacra e arte

popular, que ajudam a narrar a história de Goiás e de Goiânia desde suas origens.

Após esse processo de preservação, o acervo deverá retornar ao museu em 2026, quando o espaço também passará a contar com um novo projeto de museografia, voltado à valorização e melhor apresentação dessas coleções ao público. A entrega do museu restaurado marca o início de uma nova etapa para o espaço, que retoma seu papel como importante centro de difusão cultural, educação patrimonial e valorização da arte em Goiás.

Para celebrar esse momento, o Museu Goiano Zoroastro Artiaga abre suas portas com a exposição temporária Manarairrema – Arte Contemporânea em Goiás, reunindo artistas que representam diferentes linguagens, trajetórias e contextos da produção artística no estado. Ao sediar essa exposição em seu momento

de reabertura, o museu reafirma sua vocação como espaço vivo, aberto ao diálogo entre tradição e contemporaneidade. A diversidade de artistas e perspectivas reunidas na mostra amplia o olhar sobre a arte produzida em Goiás e evidencia a vitalidade de sua cena cultural.

Com o patrimônio histórico preservado, a arte produzida em Goiás retoma seu protagonismo transformando equipamentos culturais em locais de encontro, reflexão e construção de cidadania. Trata-se de um investimento na memória e no futuro dos goianos, que agora possuem mais um espaço para seguir contando a sua história e acolhendo novas expressões artísticas.

Governo do Estado de Goiás



MUSEU
GOIANO
DORCASTO ALEAGRA
FUNDADO EM 1954



MUSEU
GOIANO
ZOROASTRO ARTIAGA
FUNDADO EM 1946

MANARAIREMA – ARTE CONTEMPORÂNEA EM GOIÁS

Benedito Ferreira¹, Débora Duarte², Divino Sobral³

“ *Isso pensava-se, mas não foi o que aconteceu. Longe de ir embora, os bois se chegaram mais e em grande número [...] Nem dentro de casa as pessoas ficavam tranquilas. Se não fosse a diligência dos meninos, que inventaram um jeito de andar por cima dos bois, as famílias teriam ficado sitiadas em casa, sem meios de comunicação com parentes e amigos. Descalços e munidos de uma vara tendo numa ponta uma plaquinha acolchoada, os meninos subiam numa janela, daí passavam para o lombo de um boi, e utilizando a vara como escora iam navegando por cima deles, transmitindo e recebendo recados e encomendas, apostando corridas uns com os outros.* ”

A hora dos ruminantes, José J. Veiga, p. 119.

A exposição Manarairema – Arte Contemporânea em Goiás reúne, por ocasião da reabertura do Museu Goiano Zoroastro Artiaga, obras de vinte e quatro artistas contemporâneos, representativos da produção recente no estado. A curadoria organiza o conjunto a partir de princípios afinados aos debates do século XXI, como a paridade de gênero, a descentralização do sistema de arte em Goiás, com atenção à produção realizada no interior, e o reconhecimento da contribuição de artistas negros na constituição da arte contemporânea local. Diante do papel histórico do museu na consolidação da narrativa oficial do estado, a mostra se afirma como operação ficcional voltada à reinterpretação do passado, por meio do deslocamento do foco narrativo e

¹ Benedito Ferreira é artista visual, realizador audiovisual, pesquisador e curador. Doutor em Artes pela UERJ. Nos últimos anos, tem apresentado trabalhos em países como Portugal, França, Polónia e Coreia do Sul, entre outros. É diretor artístico e curador da FAROLETE – Mostra de Artes do Vídeo.

² Débora Duarte é mestra em Teoria da Literatura Contemporânea e doutoranda em Teoria da Literatura Latino-Americana (UnB), com ênfase na investigação da inespecificidade nos procedimentos estéticos da arte contemporânea. Atua como curadora independente, desenvolvendo pesquisas que atravessam literatura, artes visuais e práticas curatoriais contemporâneas.

³ Divino Sobral vive e trabalha em Goiânia. É artista visual e curador com várias premiações nacionais. Foi diretor do Museu de Arte Contemporânea de Goiás e, atualmente, é diretor artístico da Cerrado Galeria, em Goiânia e Brasília, e curador do Programa de Residência Artística do NACO – Núcleo de Artes Visuais do Centro-Oeste, no distrito de Olhos d'Água.

da emergência de novos narradores, movimento que adquire especial relevância no ano em que se comemoram os 80 anos de criação da instituição e os 300 anos da chegada ao território goiano da bandeira comandada por Anhanguera, o filho.

O título da exposição toma emprestado Manarairema, cidade fictícia criada pelo escritor goiano José J. Veiga no romance *A Hora dos Ruminantes* (1966), espaço aparentemente ordinário que, pouco a pouco, passa a ser atravessado por acontecimentos inexplicáveis, atmosferas de medo e formas sutis de opressão. Na narrativa de Veiga, Manarairema se configura como território em suspensão, no qual o cotidiano se rarefaz e as estruturas de poder se fazem sentir de modo difuso, instaurando um estado permanente de estranhamento. Deslocar esse topônimo da literatura para o campo expositivo

permite à mostra propor a invenção de outra Manarairema, cidade imaginária que se instala provisoriamente no interior do museu em reabertura, composta pela justaposição de obras, fragmentos e gestos capazes de ativar memórias, fricções e tensões ainda em estado latente.

A escolha pelo diálogo com José J. Veiga, a partir da imagem por cima do lombo dos bois, opera como uma alegoria da invenção de interstícios em um cenário definitivamente inescapável de cerco. Os bois, neste caso, longe de serem um evento espetacular, constituem uma presença contínua, densa e acumulativa, que dissolve as fronteiras entre o público e o privado e transforma a cidade fictícia em território de vigilância e contenção. Enquanto os adultos interiorizam a opressão, recolhendo-se às casas e aceitando o confinamento como única possibilidade, os meninos operam um

gesto radicalmente outro: não enfrentam o interdito, mas o atravessam. Caminhar por cima de seus lombos não significaria, portanto, vencer o obstáculo, mas produzir uma fissura a partir do gesto da brincadeira.

Tal imagem aponta para um modo de existência que não confronta diretamente o poder, mas o atravessa, operando no limite, na instabilidade. O corpo infantil, descalço e em equilíbrio precário, institui uma cartografia mínima, sustentada pela invenção e pela astúcia, onde a comunicação e o encontro ainda são possíveis. "por cima do lombo dos bois" nomeia uma estratégia de sobrevivência simbólica: quando o território é saturado pela opressão, cria-se um outro nível de circulação — precário, mas vital. Não se trata, então, de escapar do território imposto, mas de reinscrevê-lo, convertendo aquilo que bloqueia em

suporte e aquilo que cerca a possibilidade de passagem.

Em Manaraima, um conjunto de trabalhos convida à reflexão sobre as formas de ocupação do território goiano e suas implicações na formação de seu povo. Se antes esse território foi narrado pelos colonizadores como sertão virgem, selvagem, perigoso e inóspito, entendido como espaço a ser conquistado e, portanto, como sítio histórico de conflitos violentos decorrentes da disputa pela posse e exploração da terra e de suas riquezas, hoje ele é descrito como território de oportunidades, valorizado e propagandeado pela mídia. Apresenta-se como área modernizada pelo avanço tecnológico aplicado às formas convencionais de pecuária e agricultura, na qual o tradicionalismo social das culturas ruralistas se ancora no progresso

do agronegócio, a defesa de altos lucros legítima o avanço sobre a natureza e a indústria cultural promove o sertanejo contemporâneo como linguagem estética dominante, mantendo constante tensão entre conservadorismo e inovação. Atualmente, como grande produtor de commodities, o território encontra-se integrado ao sistema do capitalismo internacional.

O território, ou mais precisamente, as territorialidades, na produção dos artistas contemporâneos em Goiás, não se apresenta como espaço delimitado ou referência geográfica estável. Ele emerge como um campo de forças, atravessado por temporalidades múltiplas, relações sensíveis e modos de existência em disputa. Mais do que um lugar onde se está, este território constitui-se como aquilo que se vive, se sente e se reinventa

continuamente — um corpo expandido, em permanente estado de travessia. A cultura sertaneja surge, nesse contexto, como uma matriz ética e sensível. Não se trata de um repertório identitário fixo ou de uma evocação nostálgica do passado, mas de um modo de relação com a terra, com o tempo e com o outro.

Dessa maneira, as obras destes 24 artistas acionam processos de territorialização e desterritorialização, ativando zonas de sensibilidade frequentemente anestesiadas pela lógica colonial, capitalística e urbana. As produções artísticas, nesse sentido, não representam o território: elas o produzem como experiência, criando fissuras nos regimes normativos de percepção e abrindo espaço para outras formas de subjetivação. Entre cosmopolítica e micropolítica, o território goiano emerge como um espaço

de invenção contínua. Um território que não se fixa no mapa nem se submete ao tempo cronológico, mas persiste como memória ativa, como desejo em movimento, como relação viva entre corpos, paisagens e narrativas. Neste conjunto de trabalhos, o território não é origem nem destino — é processo, atravessamento e possibilidade, é matéria do extraordinário.

Manarairema também se configura como lugar onde a espiritualidade é vivida de modo intenso, reagindo ao cansaço e à descrença produzidos pelo colapso da civilização materialista. A reaproximação entre arte e espiritualidade emerge como tentativa de tratamento das feridas abertas por um sistema que desumaniza em função da tecnologia e do capital. A retomada implica vasculhar a memória coletiva em busca de saberes preservados nas religiões e nas práticas populares, inscritos em mitos,

sonhos, orações, rituais, oferendas, magias, incorporações, mirações e encantarias. Enlaçada à ancestralidade, a espiritualidade convoca a inflexão do presente em direção ao passado, o reencontro do corpo com a terra e com o cosmos, afirmando a natureza como mãe universal e ativando dimensões do indizível, do invisível e do imaterial, nas quais a fé se apresenta como potência de transmutação e possibilidade de transcendência.

Uma das questões que atravessam parte das obras expostas diz respeito à presença da infância como território sensível, não como lembrança idealizada, mas como zona de tensão entre imaginação, descoberta e mudança. A infância que emerge na mostra dialoga com aquela tematizada por José J. Veiga, na qual o olhar infantil opera como dispositivo crítico capaz de expor as

fissuras do mundo adulto, revelando o absurdo, a violência difusa e as estruturas de poder a partir de uma sensibilidade em formação. Obras que mobilizam códigos, narrativas fragmentadas, travessias, objetos e situações associadas ao universo infantil fazem da infância um modo de ver que estranha a ordem estabelecida, desloca certezas e expõe aquilo que, no cotidiano, tende a permanecer naturalizado.

As obras reunidas em Manarairema ensaiam modos de existir que desestabilizam o dado histórico, reconfiguram imaginários e afirmam a vitalidade crítica da imaginação. No Museu Zoroastro Artiaga, situado no coração de Goiânia, essa operação ganha densidade. O espaço institucional deixa de ser apenas guardião de narrativas consolidadas e se abre como campo sensível ao tempo presente e às dinâmicas que atravessam a

produção artística em Goiás. Assim como os meninos que “navegam” sobre os bois, estes artistas frequentemente trabalham com estratégias de ocupação simbólica: caminham sobre ruínas, acionam a precariedade como método e o território em campo de experimentação. É, antes, uma aposta na criação de zonas ambíguas, onde a ordem oficial perde estabilidade, as obras tornam-se passagens — um dispositivo que permite circular onde parecia não haver saída.

UBERAS



Abraão Veloso

Nagô XVIII, 2025

Tecelagem em lã, barbante, madeira, tinta acrílica
100 x 24,5 cm

Abraão Veloso

Nagô XII, 2024

Tecelagem em lã, barbante, madeira e acrílica
127 x 24 cm

Abraão Veloso

Nagô XVII, 2025

Tecelagem em lã, barbante, madeira, tinta acrílica
122 x 24,5 cm

Abraão Veloso

Nagô XVI, 2025

Tecelagem em lã, barbante, madeira, tinta acrílica
100 x 24,5 cm

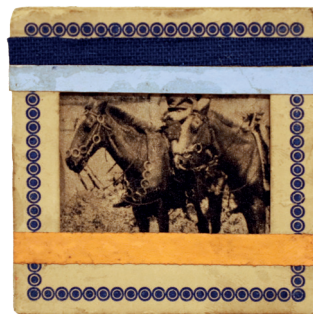


André Felipe Cardoso

Barraco, 2024

Cestaria de taquara, betume da Judéia, extrato de noqueira, fibra de buri, fibra de capim colonião, guache, acrílica, cola e recortes da fotografia "Rua Sabará, 1894", de autoria desconhecida, cedida da Coleção Comissão Construtora da Nova Capital do acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, impressa em pigmento mineral sobre papel algodão
15 x 31 cm

Foto: Kamilla Brandão



André Felipe Cardoso

Caminho das mulas, da série Encontros e Ajuntamentos, 2022

Recortes de livros, linho e molduras de slide
5 x 5 x 1,2 cm



André Felipe Cardoso

Galopar Para Fugir, 2024

Cestaria de taquara, juta, betume da Judéia, guache, acrílica, lápis dermatográfico, cola e recortes da fotografia 1ª Semana Ruralista e 9ª Exposição Agropecuária de Lavras, 1935, de autoria desconhecida, cedida da Coleção André César do acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, impressa em pigmento mineral sobre papel algodão
27,5 cm Ø

Foto: Kamilla Brandão



André Felipe Cardoso

Morada Miragem ou Galope de Fuga, 2024

Cestaria de taquara, rami, extrato de noqueira, guache, acrílica, cola e recortes da fotografia "Casebre da Extinta Rua Congonhas", de autoria desconhecida, cedida da Coleção Belo Horizonte do acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, impressa em pigmento mineral sobre papel algodão
32cm Ø



**Cássia Nunes, com colaboração
de Divino Diesel**

Arte Contemporânea, 2025

Resina, fibra de vidro, esmalte sintético

81 x 57 x 18 cm



**Cássia Nunes, com colaboração
de Geo Pires**

Construtivismo Goiano 2, 2025
Resina, fibra de vidro, tinta automotiva
63 x 40 x 41 cm

Foto: Caju Bento



**Cássia Nunes, com colaboração
de Geo Pires**

Minimalismo Goiano 2, 2025
Resina, fibra de vidro, tinta automotiva
61 x 59 x 34 cm



Emiliano Freitas

Comitiva, 2025

Cavalinhos de madeira e plástico, esmalte de unha, aviamentos,
estrutura metálica
Dimensões variáveis

Foto: Kamilla Brandão



Estêvão Parreiras

Sem título, 2025

Grafite, pastel seco e tinta a óleo sobre papel

152 x 125 cm

Foto: Kamilla Brandão



Evelyn Cruvinel

Procissão dos espiritados, da série Sacrários Sortidos, 2025-2026
Óleo, goma laca, silicone, corante em pó, glitter, purpurina, lantejoulas,
miçangas, isopor e velas sobre tela
150 x 100 cm

Foto: Kamilla Brandão



Fernanda Adamski

Eterórea, da série Auralis, 2026

Nanquim sobre papel

114 x 150 cm

Foto: Paulo Rezende



Gabriela Chaves
Inventário da Carne I, 2026
Objeto
50 x 10 x 8 cm



Gabriela Chaves
Inventário da Carne III, 2026
Objeto
59 x 13 x 8 cm



Genor Sales

Que não tá na saudade e constrói a manhã desejada I, 2025

Aquarela sobre papel algodão

37 x 46 cm

Foto: Paulo Rezende



Genor Sales

Que não tá na saudade e constrói a manhã desejada II, 2025

Aquarela sobre papel algodão

40 x 38 cm



Harel Revignet

Nascentes, 2023

Acrílica sobre tela

152 x 160 cm



Foto: Joardo Filho

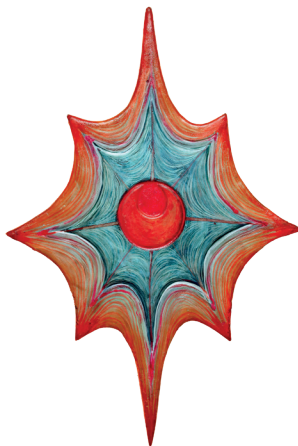


Lina Cruvinel

Morro feio e a luz da Maguitéria, 2024

Encáustica e óleo sobre madeira

45 x 30 cm



Lina Cruvinel

Estrela Dalva, 2024

Encáustica e óleo sobre madeira

47,5 x 32 cm



Lina Cruvinel

Linhas de força, 2024

Encáustica e óleo sobre madeira

25 x 31 cm



Lina Cruvinel

Estrela boieira, 2024

Encáustica e óleo sobre madeira

15 x 20 cm

Foto: Kamilla Brandão



Lucélia Maciel

Crisálidas (Lantana e Macambira), 2026

Barro, madeira e mármore

42 x 25 x 26 cm / 42 x 26 x 28 cm

Foto: Paulo Rezende



Manuela Costa Silva

Boçuyara, 2025

Madeira, pedras, cera e água

35 x 35 x 120 cm

Foto: Diego Bresani



Manuela Costa Silva

Mama-cadela, 2025

Óleo sobre tela

80 x 70 cm



Mestre Guaraná
Angoleiras do Sertão, 2026
Pirogravura em madeira
30cm Ø



Mestre Guaraná
Mulheres pretas que gingham, 2026
Pirogravura em madeira
30cm Ø



Mestre Guaraná
Berimbau de guatambú, 2025
Pirogravura sobre madeira
30cm Ø



Mestre Guaraná
Lê, viva o Calunga, 2025
Pirogravura sobre madeira
30cm Ø



Mestre Guaraná
O rei da valentia, 2025
Pirogravura sobre madeira
30cm Ø



Rafael de Almeida

Extrafrágil nº 02, 2026

Promptografia, fotografia, corrosão química e tinta a óleo sobre papel fotográfico

90 x 320 cm cada

Foto: Kamilla Brandão



Doné Nicinha do Bogum, 2024
Acrilica e búzios sobre peneira de palha, quartinha de cerâmica, água e verbete 90 x 51 cm

Raquel Rocha

Doné Nicinha do Bogum, 2024
Acrilica e búzios sobre peneira de palha, quartinha de cerâmica, água e verbete 90 x 51 cm

Foto: Kamilla Brandão



Mameto Deré Lubidi, 2024
Acrilica e búzios sobre peneira de palha, quartinha de cerâmica, água e verbete 90 x 51 cm

Raquel Rocha

Mameto Deré Lubidi, 2024
Acrilica e búzios sobre peneira de palha, quartinha de cerâmica, água e verbete 90 x 51 cm



Tia Massi, 2024
Acrilica e búzios sobre peneira de palha, quartinha de cerâmica, água e verbete 90 x 51 cm

Raquel Rocha

Tia Massi, 2024
Acrilica e búzios sobre peneira de palha, quartinha de cerâmica, água e verbete 90 x 51 cm



Rebeca Miguel

Sem título, da série Tudo é tempo, 2024

Acrílica e óleo sobre painel

100 x 100 cm

Foto: Jhony Aguiar



Rebeca Miguel

Sem título, da série O antes, o agora, o depois e depois ainda mais uma vez, 2025

Acrílica sobre tela

20 x 20 cm

Foto: Kamilla Brandão



Rei Souza

A idade do fogo, 2016

Video 3'12" loop



Talles Lopes

Paisagem aclimatada nº 1, 2025
Tinta acrílica Winsor e Newton
sobre papel Canson Arches 300g
55 x 70 cm

Foto: Diego Bresani



Talles Lopes

Paisagem aclimatada nº 3, 2025
Tinta acrílica Winsor e Newton
sobre papel Canson Arches 300g
55 x 70 cm

Foto: Kamilla Brandão



Thays Tyr

Sem título, 2024

Fotogravuras em impressão fineart

15 x 21 cm cada

Foto: Kamilla Brandão



Valdson Ramos

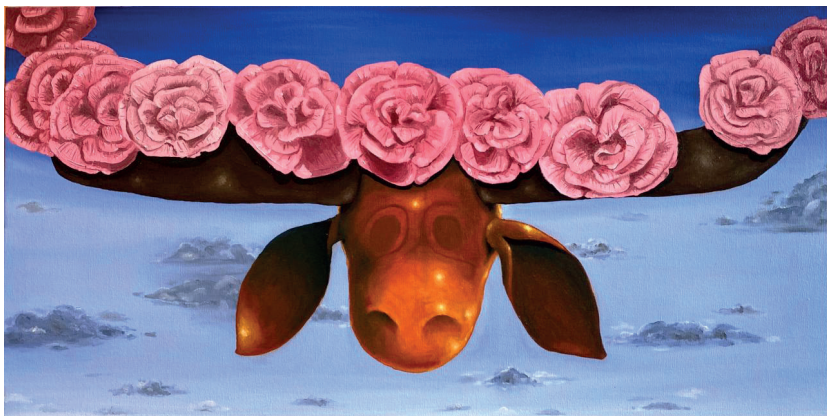
Santo Antônio, da série Santos do Veiga Valle, 2026
vinho canônico, água benta e aquarela sobre papel
76 x 56 cm

Foto: Paulo Rezende



Valdson Ramos

São Gabriel, da série Santos do Veiga Valle, 2026
vinho canônico, água benta e aquarela sobre papel
125 X 84 cm



Verônica Santana

Flores para alguém que não fui, 2025

Óleo sobre tela

50 x 100 cm



Verônica Santana

Sobre quem pesa a tradição, 2025

Óleo sobre tela

50 x 100 cm



Walter Pimentel

Sem título, 2024

Óleo, espuma de poliuretano sobre tela

50 x 60 cm

Foto: Paulo Rezende



Walter Pimentel

Sem título, 2024

Óleo, espuma de poliuretano sobre tela

50 x 60 cm



William Maia

Cabeça de papel: mascarado, 2025

Acrílica, folha de ouro e massa corrida sobre tela
30 x 20 cm



William Maia

Chorar Pelo Leite Derramado, 2026

acrílica e folha de ouro sobre tela
80 x 60 cm



William Maia

Beatus, 2026

acrílica e folha de ouro sobre tela
30 x 20 cm

Foto: Kamilla Brandão



Xica

Da série Altar Okan, 2024
Matriz de xilogravura
92 x 80 cm



Xica

Da série Altar Okan, 2024
Matriz de xilogravura
92 x 80 cm

Foto: Kamilla Brandão

RESTAURAÇÃO



Museu Zoroastro Artiaga. 1962. Alois Feichtenberger. Goiânia – GO. Acervo MIS | GO.

RESTAURAÇÃO DO MUSEU GOIANO ZOROASTRO ARTIAGA: MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E ATUALIZAÇÃO

Melissa Alves¹ e Wanessa Corrêa²

Organizar uma restauração pode ser um desafio encantador. Desde a dinâmica de adentrar o edifício, compreender suas minúcias e as histórias que paredes e chão resguardam. Mais desafiador ainda é entender o que precisa ser mantido, para que essas narrativas continuem a existir. Quantas pessoas

¹ Melissa Alves é curadora, arquiteta e urbanista (UFRJ), e colabora em curadorias e residências artísticas no Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, além de pesquisas e orientações independentes sobre territorialidades, arte-educação e patrimônio histórico-cultural. De 2023 a 2026 atuou como Gerente de Projetos Arquitetônicos na Secult/GO.

² Wanessa Corrêa é engenheira civil, arquiteta e urbanista (PUC-GO), Mestre em Construção Civil (UFG), com ênfase em patrimônio histórico. Atua no desenvolvimento e gestão de projetos e obras de alta complexidade, com foco em patrimônio histórico-cultural e edificações públicas. Atua como Gerente de Projetos Arquitetônicos na Secult/GO.

pisaram nesse lugar? Quantas camadas de revestimentos se sobrepõem ali, como folhas de um livro? Quantas memórias permanecem incrustadas nas frestas da construção?

Dessa forma, o trabalho de restauração não se limita a reparos estruturais. Antes, representa escuta. Restaurar significa salvaguardar as memórias de um lugar, de um povo. É operar entre o visível e o intangível. E para atuar de tal forma, é fundamental ouvir.



Restauração integral recupera aspectos da cobertura original.

A partir desses princípios, iniciaram-se os projetos e pesquisas de restauração e modernização do Museu Goiano Zoroastro Artiaga (MuZA), primeiro museu do estado, construído em 1946 e formalizado como museu pela Lei nº 5.770, de 16 de junho de 1965, com o propósito de preservar, narrar e tensionar os aspectos históricos, etnográficos e culturais que constituem Goiás.

Situado na Praça Cívica, no Setor Central de Goiânia, o edifício se insere como um dos marcos do conjunto arquitetônico Art Déco da cidade. Sua construção, datada entre 1942 e 1943, revela uma arquitetura organizada pela precisão geométrica, pela simetria e por elementos que afirmam sua linguagem: frisos, platibandas escalonadas, vitrais e pintura em tons pastéis. À época, essa identidade surgiu do desejo da nova capital de incorporar ideais de modernidade vindos do exterior para o centro do país.



Intervenção preserva e evidencia a identidade Art Déco do edifício.

Com o passar dos anos, alguns aspectos se mantiveram, enquanto outros foram sendo atravessados pelo tempo, que depositou no edifício camadas de uma cidade em constante transformação.

Durante o processo de restauração - desde as fases de levantamento e mapeamento de danos até os projetos de intervenção e a licitação das obras - uma pergunta orientava os caminhos: como recuperar um edifício e sua história após mais de vinte anos sem a realização de uma nova exposição e após cinco anos

de completo fechamento ao público? Como devolver à cidade não apenas um equipamento cultural, mas um espaço de experiência, memória e atualização de narrativas?

Retornar esse edifício à população tornou-se, então, uma operação que convergiu técnica e sensibilidade. Uma missão guiada por princípios que se entrelaçam: o respeito à originalidade do bem, reconhecido por tombamentos em âmbito estadual e federal - pela Superintendência de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, por meio do Decreto-Lei nº 4.943, de 31 de agosto de 1998, e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desde 2003. O plano envolveu a ampliação da acessibilidade, a atualização das infraestruturas, a retomada de características originais e a revisão crítica das narrativas ali apresentadas.



Painel-Mapa do Estado de Goiás passou por criterioso processo de restauração.

A partir de um trabalho conjunto com a Secretaria de Estado da Cultura e suas gerências de projetos arquitetônicos, museus e engenharia, foi possível acessar a complexidade do edifício. Ao lado de uma rede de profissionais dedicados, instaurou-se um campo de investigação: como reativar esse espaço para que ele recupere sua presença e imponência?

A resposta não veio de imediato. Ela foi sendo construída no processo. Nos levantamentos da arquitetura, nos mapeamentos de danos, nas discussões de projeto, nas travessias burocráticas, nas idas e vindas com os órgãos de tutela. Foram quase dois anos entre elaboração de projetos, revisões, aprovações junto aos órgãos e adequações de licitação, até que, em novembro de 2024, a obra pudesse se iniciar, avançando pelas etapas executivas ao longo de 2025 e 2026.



Pesquisa arqueológica para reforço estrutural revelou vestígios da escada original.

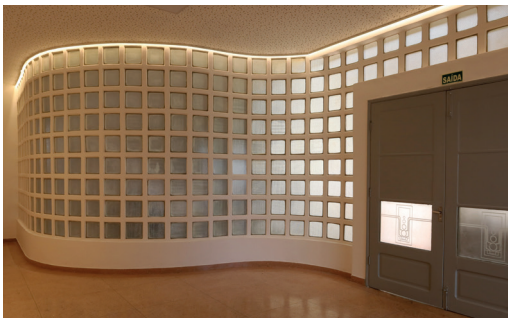
Um tempo que exigiu cuidado constante diante das demandas e descobertas que surgiam à medida que o edifício era desvelado.

Durante a obra, camadas ocultas começaram a saltar aos olhos dos técnicos. Uma das dúvidas que imperava antes do início da restauração era: onde estava a escada original do edifício? Sob o piso, durante o trabalho de reforço estrutural das fundações, vestígios dessa escada - cuja existência já havia sido quase esquecida - reapareceram como marcas insistentes, revelando seus traçados e curvas.

A decisão foi reinscrevê-la no espaço não de forma reconstrutiva, mas por meio de janelas de prospecção, permitindo ao visitante vislumbrar o que um dia esteve ali.



Janela de prospecção no salão expositivo permite visualização da escada original do edifício.



Tijolos de vidro anteriormente cobertos de tinta é recuperado, trazendo transparência e ampliação da luz no hall

Os desenhos de pisos em taco de madeira, encobertos por décadas, reapareceram com seus traçados originais, possibilitando a retomada do material e a referência à materialidade original. Revestimentos e pinturas foram revelados como fragmentos de temporalidades distintas, mesmo após intervenções sucessivas no Museu.

A cada descoberta, a equipe decidia ir por um caminho: ocultar novamente ou revelar. Peças do edifício foram reposicionadas e mantidas à vista como dispositivos de leitura, tendo superfícies que permitem compreender que aquele espaço não é homogêneo, mas constituído por sobreposições.

Outros elementos também voltaram à superfície. Tijolos de vidro, anteriormente pintados, recuperaram sua transparência e capacidade de conduzir luz pelo hall de entrada.



Paginação histórica de tacos de madeira são redescobertas e reintegradas ao espaço.

Ladrilhos hidráulicos, tacos de madeira e tijolinhos foram identificados e reintegrados ao espaço, assim como esquadrias, alvenarias e elementos decorativos, incluindo o Painel-Mapa do Estado de Goiás.

Paralelamente, intervenções contemporâneas foram incorporadas com precisão: revestimentos em granitina, climatização do salão expositivo, criação



Modernização elétrica e luminotécnica atualiza o ambiente expositivo.

de reservas técnicas de museologia e arqueologia e instalação de plataforma elevatória, promovendo o acesso inclusivo ao museu.



Plataforma elevatória amplia o acesso ao museu.

Ao mesmo tempo, foram realizadas requalificações nas coberturas, recompondo sua volumetria original e referenciando à materialidade inicial. Também foram executadas a modernização das instalações elétricas e luminotécnicas, a implementação de sistemas de segurança e as adequações de prevenção e combate a incêndio. Esses gestos garantem que o edifício permaneça vivo e ativo no presente.



Rampa de entrada reforça acessibilidade universal ao ser inserida na fachada principal do edifício.



Acervo passou por desinfestação por anóxia, higienização e catalogação para conservação segura.

O seu acervo, por sua vez, também atravessou um processo cuidadoso de preservação, com procedimentos como a desinfestação por anóxia - tecnologia atóxica que atua de forma silenciosa, removendo insetos xilófagos dos objetos do museu -, higienizando e protegendo os materiais enquanto o edifício se transformava. Além disso, ocorreu um processo inédito de catalogação e organização do acervo, que ainda não possuía uma sistemática organizacional.

Desta forma, enquanto a arquitetura era tocada, os objetos também eram cuidados. Enquanto o espaço se reorganizava, a memória era resguardada.

Assim, a restauração do MuZA configura-se como um gesto que ultrapassa a materialidade. Participar desse processo foi também acessar as histórias e estórias do território goiano, reafirmando a importância da salvaguarda cultural. O museu se apresenta, então, como um campo vivo, em constante atualização - um espaço onde arquitetura, acervo e narrativa se entrelaçam, permitindo que o passado seja preservado, e sustentando continuamente a convocação de novos corpos, novos olhares e novas memórias ao patrimônio que pertence a todos.



**MUSEU
GOIANO**
ZOROASTRO ARTIAGA
FUNDADO EM 1946



SAÍDA



FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

Manarairema – Arte
Contemporânea em Goiás

GOVERNO DE GOIÁS

RONALDO RAMOS CAIADO

Governador do Estado de Goiás

DANIEL VILELA

Vice-governador do Estado de
Goiás

GRACINHA CAIADO

Coordenadora do Gabinete de
Políticas Sociais

SECRETARIA DE ESTADO DA
CULTURA

YARA NUNES

Secretária de Estado da Cultura

THAÍS DE MELO LOBO

Chefe de Comunicação Setorial

JULIANA RODRIGUES GOMES

MUNIZ

Chefe do Escritório de Projetos
Setorial

CLEITON DE OLIVEIRA SOARES

Superintendente de Gestão
Integrada

ALLYSSON RIBEIRO E SILVA CABRAL

Superintendente de Patrimônio
Histórico e Artístico

TONIS VINÍCIUS DE CASTRO LACERDA

Gerente de Museus, Bibliotecas,
Instituto do Livro e Arquivo
Histórico

GIULLIANO SANTOS RAMOS

Coordenador do Museu Goiano
Zoroastro Artiaga

MANARAIREMA - ARTE CONTEMPORÂNEA EM GOIÁS

CURADORIA

Benedito Ferreira
Divino Sobral
Débora Duarte

ARTISTAS

Abraão Veloso
André Felipe Cardoso
Cássia Nunes

Emiliano Freitas
Estêvão Parreiras
Evelyn Cruvinel
Fernanda Adamski
Gabriela Chaves
Genor Sales
Haniel Revignet
Joardo Filho
Lina Cruvinel
Lucélia Maciel
Manuela Costa Silva
Mestre Guaraná
Rafael de Almeida
Raquel Rocha
Rebeca Miguel
Rei Souza
Talles Lopes
Thays Tyr
Valdson Ramos
Verônica Santana
Walter Pimentel
William Maia
Xica

COORDENAÇÃO

Melissa Alves

PRODUÇÃO

Malu Carvalho
Rafaela Dourado

ACERVO

Matheus Vieira

DESIGN GRÁFICO

Thiago Silva

MONTAGEM E LOGÍSTICA

Cleandro Elias Jorge
Lucas Souza Pereira Miranda
Erenilton Divino da Silva
Muryllo Mayke Silva de Oliveira
Pedro Augusto da Silva Ramos
Caio Castanheira Maia

AGRADECIMENTOS AOS COLECIONADORES QUE EMPRESTAM OBRAS:

Antônio Cruvinel Caixeta
Flávia Gouveia
Ricardo Braudes Coelho
Rogério Santana
Tor Teixeira

Apoio:

Goiás
social

CERRADO

Realização:

MUSEU
GOIANO
ZOOLOGIA E HISTÓRIA
1946

SECULT
Secretaria de Estado
da Cultura

GOVERNO DE
GOIÁS
O ESTADO QUE DÁ CERTO